



Como as democracias morrem

Steven Levitsky & Daniel Ziblatt

- **Steven Levitsky**
 - americano, cientista político
 - Formou-se em Ciências Políticas pela Universidade de Stanford
 - PhD em Ciências Políticas pela Universidade da Califórnia, em Berkeley
 - Pesquisa enfocada na América Latina e no mundo em desenvolvimento
 - Professor da Universidade de Harvard
- **Daniel Ziblatt**
 - americano, cientista político
 - PhD em Ciências Políticas pela Universidade da Califórnia, em Berkeley.
 - Pesquisa enfocada na Europa do século XIX até atualmente
 - Professor da Universidade de Harvard

Como as democracias morrem

Steven Levitsky & Daniel Ziblatt

- **Sobre a obra: análise da democracia e do processo eleitoral majoritariamente no cenário americano**
- 272 páginas (2018 - Zahar); trad. Renato Aguiar;
- Sumário:

1. Alianças fatídicas
2. Guardiões da democracia
3. A grande abdicação republicana
4. Subvertendo a democracia
5. As grades de proteção da democracia
6. As regras não escritas da política norte-americana
7. A desintegração
8. Trump contra as grades de proteção
9. Salvando a democracia

Capítulo 1. Alianças fatídicas

- Populistas/*outsiders* são eleitos pois convencem a população da existência de uma teoria da conspiração, associada à tomada do Poder pela elite, e a premente necessidade de retomar o poder. Desta maneira, os autoritários são levados ao Poder = através das URNAS.
- O papel do partido político é identificar esses *outsiders* populistas e filtrar o seu acesso ao centro do poder (mantendo-os fora das chapas eleitorais, especialmente dos partidos estabelecidos).

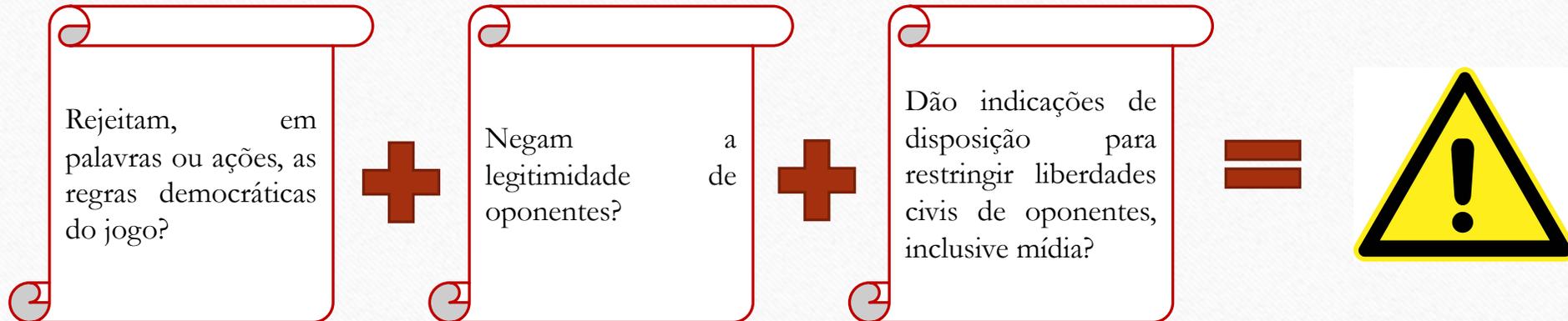
4 indicadores do comportamento autoritário

- **1. rejeição das regras democráticas**
(ex. Trump ao questionar o resultado das eleições, no caso de derrota);
- **2. negação da legitimidade da oposição**
(ex. Trump dizia que Obama – democrata – não era americano nato);
- **3. tolera/encoraja a violência**
(ex. estímulo para os eleitores expulsarem democratas dos comícios de Trump);
- **4. propensão à restringir liberdades civis dos oponentes**
(ex. desacredita a mídia).

Como as democracias morrem

Steven Levitsky & Daniel Ziblatt

- Como identificar uma ameaça?



Capítulo 2. Guardiões da América

- Os guardiões da democracia são os **partidos políticos**, pois mantêm as figuras impróprias fora da votação e longe dos cargos públicos;
- Em 1800 (aprox.) houve a ascensão dos partidos, que passaram a ter duas funções principais: **a)** escolhem o candidato que melhor representa os eleitores do partido político; **b)** realizam uma “filtragem”, removendo aqueles que ameaçam a democracia (ou que de qualquer modo seja inadequado ao cargo público).

Fato narrado pelos autores:

- Em 1968, após um conflito pela escolha de um candidato que não competiu nas primárias, foi iniciado um processo de debates e reforma. Conclusão da comissão responsável: “*A cura para os males da democracia é mais democracia*”. **Em 1972 as primárias se tornaram vinculantes.**
- Consequência: democratas e republicanos afrouxaram o controle dos líderes sobre o processo de seleção dos candidatos (não precisavam mais passar pelo *establishment* do partido). Os “guardiões” passaram a ser contornados e derrotados. Em tese, isso levaria ao surgimento de candidatos extremistas e demagogos. Eles surgiram mas não passavam pelas primárias porque era muito difícil o financiamento, cobertura da mídia favorável e parceiros em todos os estados → “primária invisível” – na verdade, o que acontecia ANTES das primárias é que definia o candidato selecionado.

Capítulo 3. A abdicação republicana

- Em 2015, as primárias nos EUA passaram a abrir as portas para os *outsiders*.
- O sistema anteriormente mencionado (da “primária invisível”) favorecia um tipo específico de *outsider*: o indivíduo com fama, dinheiro e afinidade com determinado partido. Trump anunciou que concorreria e ganhou, apesar de acusar resultado afirmativo para os **4 indicadores do comportamento autocrata**.
- Neste momento, os partidos tiveram que decidir: é melhor perder a eleição e preservar a democracia ou ganhar a eleição? A maioria dos líderes republicanos endossou Trump (se houvesse a abdicação em prol da democracia, ele não teria vencido a eleição).

Capítulo 4. Subvertendo a democracia

- A ruptura da democracia nem sempre pressupõe um plano;
- O líder demagogo ataca seus críticos com termos ásperos, e como consequência, a mídia se sente ameaçada e abandona o comedimento num esforço desesperado para enfraquecer o governo; a oposição defende o afastamento do governo pelo bem do país; passam a ser defendidas medidas extremas (como o *impeachment*, por exemplo).

Analogia a uma partida de futebol: o líder demagogo captura o árbitro, afasta as “estrelas” do time e muda as regras do jogo

-
- Captura o árbitro: na democracia, é feita a cooptação do Poder Judiciário, mediante a alteração de sua composição (os “árbitros” são levados para o lado do governo);
 - Os jogadores importantes seriam a oposição, os meios de comunicação, etc. A maneira mais fácil é comprando-os ou marginalizando-os, frequentemente com processos de calúnia e difamação (ex. Rafael Correa no Equador);
 - Por fim, mudam as regras do jogo com alterações no processo eleitoral, emendas constitucionais (como a que possibilitou a reeleição, p. ex.);

“A combinação de um aspirante a autoritário com uma crise de maiores proporções pode ser mortal para a democracia”

- A própria defesa da democracia é usada como pretexto à sua subversão (crise econômica, desastres naturais, ameaça à segurança, etc.). Ex. Ataque de 11 de Setembro → a popularidade de Bush foi a 90% (maior da história dos EUA); aprovada a Lei Patriótica; cidadãos ficaram mais propensos a tolerar e apoiar medidas autoritárias durante a crise.
- Conclusão: a crise permite aos autocratas expandir suas manobras.

Capítulo 5. As grades de proteção da democracia

- A Constituição e o sistema de freios e contrapesos impediu a concentração do poder e o abuso na maior parte da história americana. Mas, se tivessem sido suficientes, autocratas não teriam governado por mais de 1-2 anos (ex. GV no Brasil);
- A democracia bem-sucedida confia em regras informais → 2 se destacam:
 - a) **tolerância mútua** (aceitação das regras institucionais e o reconhecimento da legitimidade de seus opositores);
 - b) **reserva institucional** (respeito às regras do jogo, ainda quando não escritas).

Como as democracias morrem

Steven Levitsky & Daniel Ziblatt

- Como as democracias morrem?

desrespeito às suas regras implícitas

“As duas regras informais decisivas para o funcionamento de uma democracia seriam a tolerância mútua e a reserva institucional. Tolerância mútua é reconhecer que os rivais, caso joguem pelas regras institucionais, têm o mesmo direito de existir, competir pelo poder e governar. A reserva institucional significa evitar as ações que, embora respeitem a letra da lei, violam claramente o seu espírito. Portanto, para além do texto da Constituição, uma democracia necessitaria de líderes que conheçam e respeitem as regras informais”.

tolerância mútua

reserva institucional

Democracias podem morrer não nas mãos de generais, mas de líderes eleitos – presidentes ou primeiros ministros que subvertem o próprio processo que os levou ao poder.

Exemplo:

- O limite de dois mandatos nos EUA só se tornou formalmente lei em 1951, porque até então, nenhum Presidente questionou. Roosevelt (década de 40) foi o primeiro e isso acarretou na 22ª Emenda, que limitou a dois mandatos;
- O oposto da reserva institucional é o “jogo duro constitucional” (dificuldade de governar em virtude do exercício das atribuições constitucionais de cada poder);
- Em outras palavras: os três Poderes devem atuar com equilíbrio e o funcionamento conforme o sistema constitucional.

Capítulo 6. Regras não escritas da política norte-americana

Caso o sistema de freios e contrapesos seja usado sem comedimento, poderá ocorrer o enfraquecimento da democracia, e até mesmo, chegar ao colapso – 6 situações de “jogo duro”:

PELO PODER EXECUTIVO

1. Ordens executivas
(como as medidas provisórias no Brasil)
2. Indulto presidencial
3. Modificação da composição da Corte

PELO PODER LEGISLATIVO

4. Obstrução dos trabalhos legislativos
5. Poder do Senado aconselhar e consentir indicações para a Suprema Corte
6. *Impeachment*

Capítulo 7. A desintegração

- Trump é apontado por atentar contra as regras democráticas mas esse processo começou há décadas atrás → política do “jogo duro” (Gingrich, 1978):
- Os republicanos diziam que o Congresso era corrupto e estava doente, e que os democratas eram contra a bandeira, contra a família e traidores;
- O “jogo duro” dos republicanos seguiu na presidência de Bill Clinton (1993 a 2001), inclusive com a votação de seu *impeachment* em dezembro de 1998.

Sequência do “jogo duro”:

- Em 2000 – eleição George W. Bush x Al Gore: Bush sinalizou “unificar” a cooperação entre os partidos, mas abandonou esta ideia ao logo de seu mandato. O eleitorado estava muito polarizado e como resposta os democratas passaram a obstruir indicações ao judiciário (abalo na democracia);
- Em 2008 – eleição Obama: ele foi acusado de ser marxista, antiamericano e secretamente muçulmano. Na vitória parabenizou McCain, e este lhe desejou “uma boa jornada” (intenção de uma nova era de tolerância). Porém, a gestão de Obama foi marcada por um extremismo crescente e guerra sectária (movimento *birther* e criação do “Tea Party”).

Movimento *birther* – acusação de Obama não ser americano nato

Partido “Tea Party”- ala republicana extremista do partido

- Republicanos passaram a fazer forte oposição, com muitas obstruções no parlamento, e sem confirmar as indicações ao judiciário;
- Obama respondeu com ordens executivas unilaterais (semelhante às medidas provisórias do Brasil);
- Forte separação entre os democratas liberais e os republicanos conservadores → além das ideias políticas distintas, tinham movimentos pelos direitos civis, divisão de raça e religião.
- Alteração do eleitorado desde a década de 50: naquela época, os eleitores não brancos eram 10%, em 2008 passaram a 38%; a maioria deles é democrata. Os republicanos eram 90% brancos em 1950, e hoje ainda passam de 80%. De outro lado, dentre os cristãos o republicanos ganharam espaço. Divisão notória sobre raça e religião nos partidos americanos

A desintegração da democracia com o abalo no sistema de freios e contrapesos não é exclusivamente americana:



Recep Erdoğan (Turquia)
ataque à mídia
perseguição a opositores



Jair Bolsonaro (Brasil)
ataque aos opositores
mentiras
incitação à violência



Viktor Orbán (Hungria)
loteamento do Judiciário (MP, Tribunal de Contas, Procuradorias)



Chávez / Maduro (Venezuela)
loteamento do Judiciário
ataque à mídia
ataque a opositores



Donald Trump (EUA)
ataque aos opositores
mentiras
incitação à violência



Alberto Fujimori (Peru)
ataque aos opositores
fechamento do Parlamento
revogação da Constituição



Vladimir Putin (Rússia)
ataque à mídia
perseguição a opositores

Capítulo 8. Trump contra as grades de proteção

- Os autores trazem exemplos de como o Presidente americano violou a tolerância mútua e a reserva institucional:
- Hostilidade contra os serviços de inteligência, agências éticas e tribunais (exigia total lealdade de seus comandantes); acusou o *New York Times* e a CNN de distribuir *fake news*; etc.

Capítulo 9. Salvando a democracia

- A oposição ao comportamento autoritário deve ser robusta, mas deve preservar as regras e normas democráticas;
- O problema fundamental da democracia norte-americana continua a ser a extrema divisão partidária, estimulada por ressentimentos, inclusive raciais e religiosos;
- A maior polarização dos EUA precede a presidência de Trump e muito provavelmente vai perdurar depois dela.

Como as democracias morrem

Steven Levitsky & Daniel Ziblatt

- É possível salvar a democracia? Como?

A resposta é: mais democracia, de forma mais inclusiva, com maior participação eleitoral, englobando todos os grupos étnicos e com enfoque em reduzir as desigualdades. Representatividade ainda permanece sendo a chave para a saída da crise. **Aperfeiçoamento da qualidade democrática.**

“O igualitarismo, a civilidade, o sentido de liberdade e o propósito compartilhado retratados por E. B. White eram a essência da democracia americana em meados do século XX. Hoje, essa visão está sob ataque. Para salvar a democracia, os norte-americanos precisam restaurar as normas básicas que a protegiam no passado. Entretanto, é preciso fazer mais do que isso. Nós temos que estender essas normas por toda sociedade diversificada. Temos que torná-las realmente inclusivas. Em seu âmago, as normas democráticas dos Estados Unidos sempre foram saudáveis. Porém, por grande parte da nossa história, elas foram acompanhadas – com efeito, sustentadas – por exclusão racial. Hoje, é preciso fazer essas normas funcionarem numa era de igualdade racial e de diversidade étnica sem precedentes. Poucas sociedades conseguiram ser multirraciais e genuinamente democráticas. Esse é o nosso desafio. Se o respondermos de maneira satisfatória, a América será sem dúvida excepcional”.

Larissa Beschizza Cione

cione.lbc@gmail.com